

Introdução

Esta tese tem por objetivo investigar a motivação conceptual que levou os itens *mas*, *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto* e *no entanto* a apresentarem traços comuns capazes de justificar o fato de serem tradicionalmente englobados sob o mesmo rótulo em português: o das conjunções adversativas. Se os elementos funcionavam, ou no latim ou no português medieval, como advérbios e se, por mais que isso seja questionável, podem ser vistos atualmente como conjunções, cabe levantar a hipótese de terem experienciado um processo de gramaticalização.

A título de ilustração, veja-se um caso típico de gramaticalização na seguinte frase: *Não tenho tido dinheiro para nada*. Embora as duas formas verbais flexionadas representem o mesmo infinitivo (*ter*), na segunda ocorrência o verbo apresenta sentido pleno – *possuir* –, enquanto, na primeira, apenas traz informações gramaticais, como pessoa, número e tempo verbais, não apresentando nenhum sentido lexical. Se a primeira forma é proveniente da segunda, então se tem um caso de gramaticalização, pois uma forma lingüística teria dado origem a uma segunda, que funciona com restrições gramaticais e semânticas em comparação com a primeira.

No segundo capítulo, serão apresentadas variadas referências bibliográficas que – em função principalmente de os elementos referidos, com exceção de *mas*, não se localizarem exclusivamente em fronteiras oracionais ou sentenciais – divergem quanto à adequação de eles serem classificados como conjunções. A comparação entre o sentido que os elementos apresentavam em suas origens etimológicas e o sentido que apresentam atualmente revela que sofreram uma substancial mudança semântica ao longo do tempo e, o mais relevante, especializaram-se em contextos de cujo sentido global se depreende algum tipo de relação contrajuntiva. O último ponto é o que mais justifica o título da tese, o qual deixa subentendido que todas as adversativas enfocadas de fato experienciaram, em algum grau, uma gramaticalização. Ainda no segundo capítulo será exposta a grande divergência existente entre os estudiosos com relação também (i) aos sentidos possíveis que as adversativas podem apresentar,

(ii) ao elenco das adversativas do português e ainda (iii) ao que se entende por conjunção.

Já no capítulo 3, serão explanadas algumas das diretrizes teóricas da tese, que, por sinal, não retomam, ao contrário do que se vê em muitos trabalhos acadêmicos, a totalidade dos fundamentos básicos das teorias da gramaticalização mais conhecidas, mas tão somente aqueles que possam interessar diretamente ao estudo em pauta. Os trabalhos mais enfocados serão os de Sweetser (1988, 1991) por terem sido os mais utilizados na análise dos dados. Com isso, objetiva-se, o máximo possível, não dissociar teoria e análise lingüísticas.

No capítulo 4, serão apresentadas novas teorias – agora não mais diretamente sobre gramaticalização, mas sim sobre relações contrajuntivas – e alguns trabalhos acadêmicos a fim de se buscar um modelo que dê conta dos dados analisados na tese, sendo que o elemento enfocado, nesse capítulo, será *mas*.

Como no capítulo 4 se chegará à conclusão de que o melhor modelo para a análise de *mas* é o proposto por Sweetser (1991), ele será adotado, no capítulo 5, para a análise dos demais itens também.

Todo o desenvolvimento da tese visa a encontrar a motivação conceptual que levou as adversativas a sofrerem substanciais mudanças de sentido ao longo do tempo. Ao final do trabalho, a conclusão será de que a motivação do processo não foi metonímica, como supõem alguns trabalhos, mas sim eminentemente metafórica.